

**REVOLUÇÕES E O SOCIALISMO DO SÉCULO XXI: UMA  
COMPARAÇÃO DOS PROJETOS POLÍTICOS DAS ESQUERDAS SUL-  
AMERICANAS ENTRE 2004 E 2013**

Rafael Araujo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

rafa.ara@gmail.com

**Introdução**

O início do século XXI na América do Sul caracterizou-se pelas contestações às instituições republicanas, à democracia representativa e às práticas políticas e econômicas neoliberais, que se consolidaram na região ao longo das décadas de 1980 e 1990.

Em consequência desse cenário, presenciamos distintas manifestações políticas nos países da região, entre 1998 e 2018. Na Bolívia, no Equador e na Venezuela, as gestões de Evo Morales a partir de 2006, Rafael Corrêa (2007-2017) e Hugo Chávez (1999-2013), respectivamente, expressaram uma radicalidade que fez com que seus governos adquirissem contornos revolucionários. Por outro lado, também observamos processos políticos mais moderados, que realizaram tímidas reformas sociais e econômicas, como os ocorridos nas gestões presidenciais de Nestor Kirchner e Cristina Kirchner na Argentina, entre 2003-2015, ou nas experiências de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2003-2016, no Brasil.

Os casos boliviano, equatoriano e venezuelano tiveram traços revolucionários, sobretudo, em termos políticos e culturais. O intenso apoio à participação popular, por meio do constante apelo à *democracia de las calles*, e a admissão constitucional dos direitos culturais, jurídicos e políticos dos povos autóctones na Bolívia e Equador, com o reconhecimento da plurinacionalidade desses dois estados após a realização de assembleias constituintes, expressaram, em nossa opinião, aspectos radicalmente transformadores.

Diferentemente de ciclos anteriores da história latino-americana, como entre as décadas de 1950 e 1970, nessa fase não houve a utilização da luta armada. A via institucional foi utilizada para a implementação das mudanças radicais, que se

expressaram por meio das assembleias constituintes, do constitucionalismo e do intenso fomento à participação popular.

Conjuntamente às transformações políticas e culturais, esses três casos caracterizaram-se pela adoção de políticas sociais distributivas de renda que alteraram as condições de vida de grupos socialmente marginalizados, como nos demonstram os dados da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL).

A conjuntura política vivida por esses três países possibilitou, ainda, fortes debates acadêmicos e políticos. Estes residiram na teorização do socialismo do século XXI. Ta proposta foi difundida na Venezuela a partir de 2006. Na ocasião, observamos a radicalização da revolução bolivariana após o período de forte instabilidade vivida pelo governo de Hugo Chávez entre abril de 2002 e agosto de 2004. Com a consolidação da liderança de Chávez e os êxitos eleitorais de Evo Morales e Rafael Corrêa, em 2005 e 2006, respectivamente, assistimos a propagação do projeto do novo socialismo pela América do Sul.

A proposta do socialismo do século XXI possui complexa definição. Nela misturam-se variadas vertentes de pensamento e bandeiras políticas: marxismo (com todas suas vertentes!), humanismo cristão, keynesianismo, indigenismo, enfim, uma miscelânea de teorias e formas de analisar a realidade que nos impôs o desafio de fixar características para o novo socialismo.

A imprecisão teórica fez com que decidíssemos pela demonstração dos aspectos que compõem o imaginário do socialismo do século XXI. Para tal, fundamentamo-nos em discursos de mandatários e em seus programas governamentais. Ao final deste artigo, apontaremos aspectos que acreditamos compor as características básicas desse projeto.

Avaliamos que o novo socialismo é muito mais uma construção imaginária e simbólica do que real. Inegavelmente, ele age na consciência das massas de cada país ao propor a utopia do novo modo de produção e de novos valores culturais, não se tratando, entretanto, de uma nova experiência socialista.

Creemos que os três processos possuíram um viés nacionalista e esquerdista, resgatando a tradição nacional-estatista iniciada na América Latina na década de 1930 e aspectos do socialismo cubano, como a reivindicação do anti-imperialismo e da luta popular.

Nesse sentido, acreditamos que o exemplo cubano foi muitas vezes utilizado por ser um arquétipo de luta e resistência popular em nossa história. Trata-se de um símbolo utilizado para a legitimação das melhorias sociais, como nas áreas de saúde e educação, mas não consistiu em um modelo político-econômico copiado e seguido por esses três processos. Cuba foi uma referência, mas aqueles três governos não reivindicaram em nenhum momento a reprodução do seu modelo.

Como foi afirmado diversas vezes pelas três lideranças, não há uma fórmula que leve ao novo socialismo, porque ele é elaborado e reinventado continuamente. Entre as várias imagens criadas por Morales<sup>1</sup>, Corrêa e Chávez, achamos interessante a fala do último sobre a construção do novo socialismo. A seguir, reproduziremos um trecho de uma de suas declarações públicas sobre o tema, pois cremos que esse exemplo sintetize nossas dificuldades na definição desse novo socialismo. De acordo com Chávez (2011):

Para construir o socialismo, temos de recordar Fidel. Em uma resposta que ele deu a Ignacio Ramonet: ‘Qual foi um dos maiores erros que você cometeu? E Fidel disse: ter imaginado que alguém sabia como se construía o socialismo’. Nesse ponto, Fidel tem muita proximidade com Mariátegui, quando afirma: ‘o nosso socialismo não deve ser cópia, nem criação heroica’. Muito robinsoniano, como dizia Simón Rodríguez: ‘não podemos copiar modelos. Ou inventamos ou erramos! Trata-se de uma invenção. Diria uma obra de arte (...)’ (CHÁVEZ, 2011, p. 372). (Tradução nossa.)

Para avaliarmos essa “obra de arte”, dividiremos este artigo em três partes. Nelas avaliaremos trechos de discursos de Evo Morales, Hugo Chávez e Rafael Corrêa para abordar diretrizes do projeto do novo socialismo. Na última parte, faremos uma breve consideração final sobre os elementos que compõem o projeto de socialismo do século XXI.

## **1.1 - O imaginário do socialismo do século XXI na Bolívia, no Equador e na Venezuela**

---

<sup>1</sup> Ao analisarmos a construção do Socialismo do Século XXI na Bolívia, nos remeteremos também aos discursos de Alvaro Garcia Linera, que é vice-presidente da Bolívia e um dos principais teóricos do Movimento ao Socialismo (MAS).

A proposta do socialismo do século XXI exerceu influência no imaginário social dos três casos analisados nesse ensaio. Sua reivindicação contribuiu para o combate ao neoliberalismo, ao mesmo tempo em que possibilitou a germinação de uma contracultura transformadora a partir da difusão de valores éticos e morais coadunados com as bandeiras políticas das organizações sociais e partidárias entorno das progressistas lideranças políticas.

Os discursos mobilizadores e com demarcações revolucionárias realizados por Morales, Corrêa e Chávez fundamentaram-se na utilização do imaginário socialista. Cremos que o socialismo foi reivindicado para sustentar o combate ao neoliberalismo, promover a participação popular e a democratização das instituições estatais.

Dos três casos, a Venezuela apresentou as propostas mais concretas no intuito de construir um novo modo de produção. A defesa do socialismo ocorreu incisivamente nos discursos de Chávez e sua propagação foi constante nos meios de comunicação governamentais. Houve, igualmente, a implementação de medidas com o objetivo de alterar a estrutura produtiva venezuelana. Como exemplo, observamos os incentivos às Empresas de Produção Social (EPS) e o apoio à formação de cooperativas em comunidades, com o controle da produção e dos recursos a cargo de um conselho constituído pelos próprios moradores (citar marta hanecker).

O socialismo do século XXI não foi um projeto de Hugo Chávez desde a sua chegada à presidência, no início de 1999. O Polo Patriótico, frente popular organizada em torno da figura de Chávez na eleição daquele ano, foi composta por movimentos sociais e partidários marcados por variadas ideologias e formas de pensamento.

A prioridade do movimento naquele momento consistia na realização de uma assembleia constituinte. Chávez ainda não tinha uma retórica favorável a um novo socialismo. Na ocasião ele coadunava com os princípios da terceira via e com uma interpretação do cristianismo que o aproximava da Teologia da Libertação. Sua radicalização política ocorreu após agosto de 2004, momento no qual foi superado o período de instabilidade política citado anteriormente. O êxito contra os grupos opositores e a reeleição presidencial de 2006, com 62,6% dos votos, mudaram a correlação das forças políticas na Venezuela. Sustentado no forte apoio popular, o então presidente exacerbou a retórica favorável à construção do novo socialismo. A partir de então, essa proposta se

tornou constante no discurso chavista, sendo a terceira via abandonada. Esses dois distintos momentos podem ser constatados nas falas de Chávez que transcrevemos a seguir:

(...) anteriormente, baseava algumas propostas na tese da terceira via (...) Mas, uma vez na presidência, vi a realidade, sobretudo após o golpe de abril de 2002. A ação imperialista, com aquele brutal boicote econômico, verdadeiro terrorismo, fez com que eu percebesse que o único caminho para a liberdade e independência é o do socialismo. Ele representa a redistribuição da riqueza e possibilidade de igualdade. O capitalismo, em sua essência, é o reino das desigualdades. Já o socialismo representa a igualdade e a justiça social. Minha transformação teórica derivou da maturidade e da prática dialética (...) o golpe foi um ponto de inflexão histórico. Foi o momento que levou a novas definições. Recordo, depois do golpe de abril, (...) que começamos a assumir uma atitude, em primeiro lugar, anti-imperialista. A primeira vez em que levantei essa bandeira publicamente foi em 2003. (...) Até então, nossa revolução não tinha assumido o anti-imperialismo como uma bandeira central. Passaram-se os meses. A sabotagem econômica, a ofensiva da burguesia, dos *pitiyanquis*, como chamamos a oposição, induziu a essa mudança. Evidentemente, ela também foi acompanhada de um conjunto de fatores, inclusive de ordem internacional, que se conjugaram e possibilitaram a revolução bolivariana reivindicar o socialista (...) (CHÁVEZ, 2012, p. 270-3). (Tradução nossa.)

(...) queremos construir o socialismo na Venezuela. Temos clareza de que o socialismo do século XXI não poderá ser construído sem transformação econômica, democracia participativa e ética socialista. O amor, a solidariedade e igualdade entre os homens e as mulheres são elementos fundamentais da construção do nosso socialismo (CHÁVEZ, 2007, p. 43). (Tradução nossa.)

A proposta do socialismo do século XXI sustentou-se no resgate de variados conceitos e interpretações históricas que dificultaram uma acepção clara sobre os seus fundamentos. Misturaram-se distintas maneiras de se analisar o mundo, compondo um mosaico teórico de difícil definição. Isso pode ser constatado nas seguintes falas de Chávez (2008, 2011):

Assumo minha responsabilidade. A única maneira de solucionarmos, definitivamente, o problema da pobreza e da exclusão é avançando pela via do socialismo e da igualdade de todos. Como um dia disse Bolívar: “Algum dia na Venezuela não teremos mais do que uma classe. Seremos cidadãos e teremos os mesmos direitos e deveres...”. Em nosso país, não poderá haver cidadãos de primeira, segunda e terceira. Somos todos filhos de Deus, da mesma pátria e do mesmo povo. Os obscenos privilégios dos que se creem superiores devem terminar. Igualdade, igualdade. Isso vem lá de trás, do Cristo, nosso Senhor. “Amai-vos uns aos outros”, dizia ele (...). Cristo foi um dos maiores socialistas. O primeiro da nossa era. Judas é o maior capitalista, um exemplo do que é o capitalismo, o Judas. (CHÁVEZ, 2011, p. 60). (Tradução nossa.)

Voltemos, mais uma vez, a Bolívar quando disse: “Senhores legisladores, acolho com indulgência o que pede a minha consciência política e o meu coração. Rogo fervorosamente aos senhores em nome do povo. Que a Venezuela tenha um governo popular, justo e moralmente transformador lutando contra a opressão e anarquia. Um governo que faça imperar a inocência, a humanidade e a paz. Uma gestão que perpetre o triunfo da igualdade e liberdade”. Esses aspectos são, eu diria, núcleos vivos e poderosos do pensamento de Bolívar que impulsamos na construção do nosso socialismo bolivariano (...) ratificamos perante o povo o nosso compromisso de fazer triunfar, sob o Império de leis inexoráveis, a igualdade, liberdade e o desejo de governar obedecendo às prerrogativas do socialismo (...). Neste dia, reafirmamos que o socialismo é o único e verdadeiro caminho para a liberdade definitiva da nossa Pátria. É o caminho para o socialismo. Não existe outro caminho (...) (CHÁVEZ, 2008, p. 14). (Tradução nossa.)

O discurso favorável às transformações sociais e econômicas contribuiu para a conscientização política dos venezuelanos. Isso possibilitou o robustecimento da luta de classes na Venezuela. A retórica socialista contribuiu para a alteração dos valores éticos e morais da sociedade venezuelana. A radicalização do bolivarianismo e a construção do imaginário socialista foram consequências disso.

Na Venezuela, as missões sociais e os *consejos comunales* (conselhos comunitários) consistiram em núcleos essenciais no projeto de construção do novo socialismo. Ambos materializaram a participação popular e a edificação da democracia participativa. Por isso, foram propagadas intensamente em nosso vizinho.

Segundo Mariana Bruce, os *consejos comunales* consistiram em microgovernos locais. Eles foram estabelecidos no interior das comunidades venezuelanas e possuíram caráter deliberativo/executivo sobre a gestão das políticas socioeconômicas locais. O objetivo dessa descentralização do poder é a construção do Estado Comunal venezuelano, articulado por federações ou confederações desses *consejos*. Com isso, observamos incentivos à democracia participativa e de um desenvolvimento econômico autossustentável, ou seja, prerrogativas fundamentais para o surgimento de um novo socialismo (BRUCE, 2011).

A defesa do protagonismo popular foi fundamental no desenvolvimento desse projeto. As missões sociais e os conselhos comunitários expressaram não apenas os meios para a radicalização da democracia, mas o próprio caminho para a construção do socialismo. Sobre a relevância do poder comunal, Chávez (2007) afirmou:

Há um tempo pensávamos em uma agressiva explosão do poder comunitário. Tenho muita fé que vamos conquistá-lo e ele será uma parte essencial da construção de um socialismo que não termine desmoronado, como foi com a União Soviética ou a Europa do Leste (...). Tenho muita fé na força e na consciência popular porque ela é acompanhada de moral e luzes, injeção de consciência, reforma constitucional, leis habilitantes etc. (...) (CHÁVEZ, 2007, p. 245). (Tradução nossa.)

Por outro lado, as Empresas de Produção Social (EPS) foram fundamentais na edificação do socialismo venezuelano, pois elas materializam a possibilidade de transição para um novo modelo produtivo, simbolizando a organização das comunidades e dos trabalhadores. Posteriormente, ao debatermos sobre alguns aspectos econômicos do novo socialismo, retornaremos a essa questão.

## 1.2. O socialismo do século XXI na Bolívia

Na comparação realizada entre os três casos analisados nesse ensaio, constatamos que o exemplo boliviano foi o que possuiu a retórica menos incisiva na defesa do socialismo do século XXI. Prova disso é que o programa de governo do Movimento Al Socialismo (MAS) na eleição de 2009, quando Morales foi eleito presidente pela segunda vez, mencionava o socialismo apenas duas vezes. Nos discursos de Morales, identificamos que a concepção de socialismo esteve associada ao comunitarismo indígena. A vaga ideia do socialismo do bem viver foi utilizada para possibilitar a construção de um imaginário social de solidariedade e igualdade, marcado pela forte presença de aspectos culturais dos descendentes do autóctones.

Como na Venezuela, a reivindicação do socialismo expressou a contraposição ao neoliberalismo. Elementos da cultura indígena, como solidariedade, coletividade e respeito à natureza foram utilizados. A retórica socialista contrastou com o individualismo e o consumismo exacerbados pelo neoliberalismo. Foi, ainda, reivindicado o intervencionismo estatal na economia e instrumentos de representação coletiva.

Nas palavras de Morales (2011):

(...) Quem pode, por exemplo, privatizar ou alugar a própria mãe? A terra não pode ser vista como uma mercadoria. Lamentavelmente, o capitalismo nos traiu e

converteu a mãe terra a uma matéria-prima, portanto, uma mercadoria. Mudar essa mentalidade demorará (...). Somos indígenas e lutaremos contra os sistemas econômicos que privatizam nossos recursos naturais (...). Existem várias formas de vivência, como a comunitária e coletiva. Onde nasci, por exemplo, não existem propriedades privadas. A terra é comunitária. Todos a utilizam para o pasto ou na agricultura. Espero que a privatização não chegue nas comunidades, que são marcadas pela vida comunitária e coletiva (...) não construiremos nenhuma novidade no governo. Somente o *Viver Bem*. Almejamos a recuperação da vivência de nossos antepassados (...) a construção do socialismo comunitário, harmonizado com a mãe terra, é fundamental. Permanentemente se fala de socialismo. Concordo com isso, mas creio que precisamos melhorar sua concepção. Não se deve pautar, exclusivamente, pela defesa do homem. O socialismo deve permitir que a população compreenda a obrigação de viver em harmonia com a natureza, respeitando as formas de vivência comunitária e coletiva. (...) ele precisa incorporar as experiências dos povos indígenas na defesa Pachamama (...). Hoje, existem apenas dois caminhos: ou seguimos pelo do capitalismo, que é marcado pela morte, ou avançamos pelo indígena, o da vida, que é marcado pela harmonia com a natureza (MORALES, 2011, p. 3). (Tradução nossa.)

A visão do socialismo difundida na Bolívia fundamenta-se nas consignas indígenas. Os preceitos marxistas não foram negados, mas reformulados e adaptados ao comunitarismo indígena e camponês. Para Linera, a proeminência das consignas indígenas foi consequência da não aceitação das temáticas desse grupo, principalmente, o uso comunitário da terra e a questão étnico-nacional pelos marxistas ao longo do século XX (LINERA, 2005).

A proposta de socialismo na Bolívia vinculou preceitos marxistas a valores indígenas. O *ama suwa, ama llulla e ama q'ella* (não roubar, não mentir e não ser ocioso), que constituem consígnas da cultura autóctone presentes na constituição boliviana demonstram essa vinculação. Presenciamos, igualmente, a reivindicação do coletivismo indígena como um modelo de organização da sociedade e da produtividade.

O socialismo boliviano também se relaciona com a democracia participativa. A atuação popular representa o caminho para o bem viver. Segundo o vice-presidente Álvaro Garcia Linera (2012):

As organizações comunitária, agrária e sindical do movimento indígena, com suas formas de deliberação em assembleias, a rotatividade dos ocupantes de cargos e o controle dos meios de produção são os centros da decisão política e econômica da Bolívia. Presenciamos, nos círculos de poder estatal, debates sobre a implantação das decisões derivadas das assembleias indígenas, operárias e de bairros. Os sujeitos da política e da institucionalidade trasladaram dos sindicatos e das comunidades para os círculos de poder estatal (...) (LINERA, 2012, p. 1). (Tradução nossa.)

O imaginário socialista boliviano diferencia-se do construído na Venezuela durante o governo de Hugo Chávez. No primeiro, há uma contínua apropriação do passado e da cultura indígena e as demais vertentes de pensamento, como o nacionalismo e o marxismo, o completam.

A tarefa de identificar os aspectos teóricos do socialismo venezuelano revela-se mais penosa na Venezuela. A evocação dos valores cristãos, iluministas, marxistas, por exemplo, proporciona um mosaico teórico de complexa definição. Nos discursos de Chávez houve uma constante reivindicação dos princípios iluministas difundidos pelos próceres da emancipação, que foram associados ao novo socialismo.

Há, no entanto, componentes importantes ao analisarmos o imaginário socialista desses dois casos. As críticas ao individualismo, ao consumismo e à super-exploração do trabalho agem na consciência coletiva. Por mais que as duas propostas de socialismo do século XXI se distanciem do marxismo, a retórica socialista e a defesa da luta contra os grupos dominantes elevaram o nível de consciência da população, impulsionando as conquistas de direitos sociais e políticos a partir da utilização das ruas, *las calles*, como um espaço materialização da participação política e de pressão pela conquista de direitos.

A seguir, analisaremos o imaginário socialista no Equador. Como na Bolívia e Venezuela, o norte é a luta contra o neoliberalismo. Igualmente, sua definição é complexa, em virtude da utilização de inúmeras teorias na sua elaboração.

### **1.3. O imaginário socialista equatoriano**

O discurso socialista no Equador assemelha-se ao boliviano e venezuelano. Há remissões à humanização das relações de trabalho, à solidariedade entre os homens e ao coletivismo. Como nos outros casos, o individualismo e o consumismo, intensificados no período neoliberal, são rechaçados. Nas palavras de Corrêa (2009, 2010):

Os referentes centrais do socialismo equatoriano residem no indivíduo, na solidariedade e na valorização do coletivo. A história nos ensinou que os homens precisam conquistar a justiça, a igualdade e a felicidade. O socialismo do século XXI herdou várias manifestações do marxismo, mas se confronta com os dogmas que a história se encarregou de enterrar e que apenas sobrevivem na nostalgia de poucos (...) (CORRÊA, 2009, p. 13). (Tradução nossa.)

(...) o revisionismo foi satanizado muitas vezes no marxismo. Temos a missão diária de revisar e reinventar nosso socialismo. Isso é o que buscamos com o socialismo do século XXI, o do bem viver, que praticamos no Equador, na Bolívia e na Venezuela (...). Esses processos estão em constante construção. Por isso, tratamos de dar respostas concretas aos problemas dos nossos povos (...). Defendemos a supremacia do ser humano sobre o capital. Essa é a maior consigna do nosso socialismo e consiste em uma reação à conversão do ser humano a uma simples mercadoria pelo neoliberalismo (CORRÊA, 2010, p. 36). (Tradução nossa.)

Como nos outros casos, não presenciamos profundas críticas à propriedade privada e inexistente o pleito de completa emancipação dos trabalhadores em relação à exploração do capital. A miscelânea teórica do socialismo equatoriano é intensificada com a incorporação do cristianismo e do indigenismo. O *sumak kawsay* (o bem viver) é constantemente evocado e o combate à pobreza também foi defendido a partir da utilização de pressupostos do humanismo cristão. A teoria socialista de Corrêa também mistura inúmeras estruturas de pensamento. Por isso, a sua definição é extremamente difícil.

De modo semelhante, o socialismo equatoriano é uma resposta ao neoliberalismo e as suas consequências sociais. As demandas de justiça social, igualdade entre os homens e valorização do indivíduo aparecem nos discursos de Corrêa como uma reação à desigualdade social, intensificada a partir da década de 1980 em nosso vizinho. No discurso correísta:

Nosso socialismo se sustenta em princípios, e não em modelos. Desconhecemos as respostas antes de realizar as perguntas, como presumiam o socialismo tradicional e o neoliberalismo. Possuímos um profundo humanismo, uma rigorosa ética e uma forte convicção democrática, amparada no pluripartidarismo. Desacredito que existam sociedades imutáveis, como defendido pelo socialismo tradicional ou pelo neoliberalismo. Os dogmas prejudicaram as organizações políticas de esquerda. O socialismo do século XXI se encontra em permanente construção e evolução. Por isso, negamos o dogmatismo (...) a riqueza do novo socialismo é esta: sua constante evolução. Nosso socialismo não é único. Ele se adapta constantemente às realidades de cada nação e região. Isso é sua grande virtude. Respeitamos as especificidades de cada sociedade e cultura. Repudiamos receitas de uniformização dos processos políticos (...). Condensamos as ideias centrais do socialismo do século XXI nos seguintes pontos: (i) supremacia do ser humano e do trabalho sobre o capital; (ii) apego à democracia participativa. A verdadeira democracia não se exerce exclusivamente nas votações periódicas. Ela deve pressupor o controle social das instituições estatais e a participação da comunidade nas decisões coletivas (...); (iii) o bem viver deve ser construído com respeito à natureza e à Pachamama (...) (CORRÊA, 2009, p. 14-6). (Tradução nossa.)

O socialismo do bem viver intenciona a construção de relações harmoniosas entre os homens. A coletivização das decisões políticas e econômicas consiste em um objetivo central dessa proposta. Além disso, a ação estatal foi identificada como fundamental para o desenvolvimento econômico e o bem-estar comum. Para Corrêa (2007):

(...) O Estado é a representação institucionalizada da sociedade, por meio do qual ele realiza a ação coletiva. Pretender minimizar sua importância foi um dos grandes absurdos da longa e triste noite liberal. Pretender maximizá-lo foi um dos erros tangenciais do socialismo estatista. O inquestionável é a necessidade de um Estado eficiente, que aja em função do bem-estar. Temos a tarefa de libertá-lo do “sequestro” perpetrado pelas classes dominantes. Trabalhamos arduamente para isso. Esta foi a tarefa mais dura e menos visível, mas provavelmente a mais relevante: a profunda reforma do Estado equatoriano (CORRÊA, 2007, p. 10). (Tradução nossa.)

Como veremos na próxima parte desse ensaio, o intervencionismo estatal na economia foi fundamental nos três processos revolucionários analisados. Acreditamos que a ação estatal resgatou paradigmas do nacional-estatismo, não consistindo na transformação do modo de produção.

#### **1.4. EPS, capitalismo de Estado e o novo modelo produtivo**

Indicamos anteriormente que cremos na proximidade do socialismo do século XXI com a cultura política nacional-estatista. O chavismo resgatou o intervencionismo estatal na economia contido nessa tradição e, assim, o Estado retomou o seu papel de agente fomentador do crescimento econômico.

As nacionalizações dos recursos naturais e a reversão do processo de privatização de empresas públicas consistiram nos principais símbolos do fortalecimento da ação estatal na economia. Com isso, foram disponibilizados recursos financeiros para o investimento em programas sociais e para as tentativas de diversificação das atividades produtivas. As revoluções na Bolívia e Equador, dessa forma, seguiram o caminho inicialmente traçado pelo chavismo.

O projeto de construção do socialismo do século XXI, por outro lado, não repulsou o setor privado, mesmo o transnacional. As parcerias público-privadas foram

consideradas fundamentais, pois exprimiram a possibilidade de desenvolvimento econômico, geração de emprego e distribuição de renda.

O regaste de políticas públicas desenvolvimentistas pelo socialismo do século XXI distancia essa teoria do marxismo. Nos discursos dos três mandatários, encontramos críticas à super-exploração e a reivindicação de uma pretensa harmonia entre capital e trabalho.

Avaliamos que a bandeira do socialismo foi desfraldada intencionando o repúdio ao neoliberalismo e a promoção da conscientização popular. As políticas estatais almejaram o crescimento econômico, sendo utilizadas para esse fim diversas táticas, tais como: (i) a associação e o auxílio estatal para empresas privadas; (ii) nacionalizações de empresas estatais outrora privatizadas e dos recursos naturais; (iii) fomento estatal às pequenas e médias empresas e (iv) apoio à produção comunitária e local. Esses quatro pontos são comuns aos três processos analisados.

Nesse ensaio, propusemo-nos a analisar aspectos constitutivos do socialismo do século XXI na Bolívia, Equador e Venezuela. As imprecisões conceituais em relação às propostas concernentes a esse modo de produção nos desafiaram. Diante disso, avaliamos a proposta do socialismo do século XXI separando suas medidas produtivas do discurso reivindicativo de um relacionamento diferenciado entre os homens, sustentada, por exemplo, na solidariedade e na justiça social.

Constatamos que, economicamente, as medidas dos proponentes do novo socialismo resgataram a tradição nacional-estatista latino-americana. As críticas ao Estado mínimo, predominante no neoliberalismo, abriram caminho para o advento do intervencionismo estatal, tendo como consequência a proposição de uma nova estrutura produtiva. Esta é marcada pela nacionalização dos recursos naturais, pela diversificação da produção e pelo apoio financeiro do Estado às empresas privadas e, de forma muito embrionária, às populares.

Os três projetos valorizaram o setor privado e sua parceria com empresas estatais. Essa união foi pleiteada por proporcionar o desenvolvimento econômico, permitindo a geração de emprego e renda. A descentralização produtiva, por meio da economia popular e comunitária, foi reivindicada como mais um elemento propiciador de crescimento econômico.

Como asseveramos anteriormente, o novo socialismo age no imaginário coletivo. A reivindicação da solidariedade e da justiça social atua na consciência da população. Com isso, presenciamos embates contra o individualismo e o egoísmo, características intensificadas na fase neoliberal do capitalismo.

Avaliamos que a construção do socialismo sul-americano fundamenta-se na utilização de princípios do cristianismo, indigenismo, iluminismo, keynesianismo e marxismo, por exemplo. No início deste artigo, sublinhamos nossa dificuldade de defini-lo teoricamente. A junção de variadas teorias fez com que nos deparássemos com algo novo, que é (re) construído continuamente.

Esses argumentos, no entanto, não fazem com que nos abstenhamos de algumas conclusões. A proposta do socialismo do século XXI é totalmente diferente de qualquer experiência histórica. Analisamos que a sua construção é direcionada ao combate ao neoliberalismo. A intervenção estatal na economia, a reivindicação de novos valores sociais, a emanção de uma cultura fincada na solidariedade e na humanização da relação capital-trabalho são demonstrações da sua antítese em relação ao neoliberalismo.

Não acreditamos que o novo socialismo tenha representado um modo de produção alternativo ao capitalismo. Cremos na sua vinculação à tradição nacionalista sul-americana e aos seus princípios, como intervenção estatal na economia e realização de reformas sociais.

Expusemos anteriormente que apontaríamos os elementos que formariam um *minimum* socialismo do século XXI. Acreditamos que as seguintes características estão contempladas nessa proposta:

- i. repúdio aos efeitos socioeconômicos do neoliberalismo;
- ii. intervencionismo estatal na economia, expresso na nacionalização dos recursos naturais, no fomento às pequenas e médias empresas e no incentivo à diversificação produtiva;
- iii. constituição de programas sociais distributivos de renda;
- iv. difusão dos valores de solidariedade, igualdade, justiça social e proeminência do coletivo sobre o individual;
- v. democratização das instituições estatais e apoio à participação popular;

- vi. apoio à associação público-privada e à economia comunitária/popular;
- vii. utilização do imaginário socialista para a conscientização das massas;
- viii. apoio ao multilateralismo nas relações internacionais e à integração sul-americana.

As características enumeradas acima compõem a nossa visão analítica sobre o socialismo do século XXI nos três países abordados nesse artigo. Como afirmarmos ao longo deste trabalho, além de resgatar a tradição nacional-estatista presente na região desde a década de 1930, acreditamos que a reivindicação desse novo socialismo ocorreu como uma forma de combate ao neoliberalismo e para a construção de um imaginário social que ensejasse na população a necessidade de lutas sociais.

#### Fontes (Por ordem de aparição no artigo)

CHÁVEZ, Hugo Chávez. *Yo soy así - 7 de agosto de 2011*. IN: “*De Yare a Miraflores el mismo subversivo – Entrevistas al comandante Hugo Chavez Frias*”. Op. Cit. P. 372.

\_\_\_\_\_, *Nosotros somos gente de palabra. 16 de octubre de 1998*. IN: “*De Yare a Miraflores el mismo subversivo – Entrevistas al comandante Hugo Chávez Frías*”. Op. Cit. p. 270-273.

\_\_\_\_\_, *O discurso da unidade*. Caracas, Edições Socialismo do Século XXI, nº 1. Janeiro de 2007. P. 43.

\_\_\_\_\_, *Discurso del presidente Hugo Chávez Frías durante la presentación de su mensaje anual ante la Asamblea Nacional*. Caracas, 11 de janeiro de 2008. Disponível em: [http://www.alopresidente.gob.ve/material\\_alo/12/p--19/tp--31/](http://www.alopresidente.gob.ve/material_alo/12/p--19/tp--31/) Acesso: Fev/2011. P. 60.

\_\_\_\_\_, *Discurso del presidente Hugo Chávez Frías durante la presentación de su mensaje anual ante la Asamblea Nacional*. Caracas, 11 de janeiro de 2008. Op. Cit. P. 14.

\_\_\_\_\_, *En las fronteras de un tiempo. 4 de marzo de 2007*. IN: “*De Yare a Miraflores el mismo subversivo – Entrevistas al comandante Hugo Chávez Frías*”. Op. Cit. p. 245.

MORALES, Evo. *Discurso del Presidente del Estado Plurinacional de Bolivia Evo Morales en la XV Cumbre del Cambio Climático, Copenhague*. Disponível em: <http://www.presidencia.gob.bo/discursos1.php?cod=16> Acesso: Nov/2011. P.3

LINERA, Álvaro Garcia. *Discurso del ciudadano vice-presidente de la República Álvaro García Linera*. Op. Cit. P. 1.

CORRÊA, Rafael, *Intervención en la Universidad Nacional de Asunción – Ponencia magistral: mensaje a los estudiantes sobre el socialismo del siglo XXI*. Asunción, 23 de marzo de 2009. Disponível em:

[http://www.presidencia.gov.ec/discursos/03-23-](http://www.presidencia.gov.ec/discursos/03-23-09%20Discurso%20en%20Asunci%C3%B3n.pdf)

[09%20Discurso%20en%20Asunci%C3%B3n.pdf](http://www.presidencia.gov.ec/discursos/03-23-09%20Discurso%20en%20Asunci%C3%B3n.pdf) Acesso: Fev/2011. P. 13.

\_\_\_\_\_, *Intervención en el encuentro de partidos políticos de Izquierda em Ciespal.* Quito, 12 de noviembre de 2010. Disponível em:

[http://www.presidencia.gob.ec/wp-](http://www.presidencia.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2012/10/121110_Saludo-del-Presidente-durante-el-reconocimiento-de-Fe-y-Alegria-en-el-salon-de-banquetes-de-Carondelet.pdf)

[content/uploads/downloads/2012/10/121110\\_Saludo-del-Presidente-durante-el-reconocimiento-de-Fe-y-Alegria-en-el-salon-de-banquetes-de-Carondelet.pdf](http://www.presidencia.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2012/10/121110_Saludo-del-Presidente-durante-el-reconocimiento-de-Fe-y-Alegria-en-el-salon-de-banquetes-de-Carondelet.pdf) Acesso:

Fev/2010. P. 36.

### **Bibliografia**

MORAES, Denis de. *Imaginário social e hegemonia cultural.* Disponível em:

<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297> Acesso: Dez/2011

MORAES, Wallace dos Santos de. *Por que Chávez chegou ao poder e como permanece por mais de uma década? Um balanço dos onze anos de chavismo na Venezuela.* Disponível em:

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300593175\\_ARQUIVO\\_PorqueChavezchegouaopoderecomopermanecepormaisdeumadecada.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300593175_ARQUIVO_PorqueChavezchegouaopoderecomopermanecepormaisdeumadecada.pdf) Acesso: Jan/2012.